



DISCURSO DE FLORESTAN NA MARIA ANTÔNIA

Magnífico Reitor, Dr. Flávio Fava de Moraes, Sra. Deputada Ângela Amim, meus colegas da Câmara dos Deputados, do ensino nesta Universidade e na PUC, e a todos os companheiros que estão aqui, homens e mulheres, jovens e pessoas que já passaram os limites da idade madura, como é o meu caso.

Na verdade este é um momento muito árduo para mim, eu sou uma pessoa que não gosta de receber elogios. Eu prefiro debater as críticas e me senti um pouco envergonhado quando companheiros e companheiras que

eu admiro e respeito fizeram elogios em público à minha pessoa (1). Em termos de mi-

Uma outra versão deste texto, corrigida pelo prof. Florestan Fernandes e com o título de "Florestan, um Discurso", foi publicada pela revista *Temporaes*. Portanto este que ora publicamos é a transcrição original do discurso, com notas elaboradas pelo prof. José de Souza Martins.

inha modéstia, fico naturalmente desmembrado, porque eu não mereço tanto, nunca fiz mais do que cumprir o meu dever e, no cumprimento desse dever, nunca fiz tudo que pretendia fazer. É uma pena para mim que isso tenha sucedido, mas já escrevi uma vez um artigo meio triste a respeito da chamada "geração perdida" – eu chamei assim –, que hoje parece estar perdida num mar de elogios e de saudações. Eu devo isto, Sr. Reitor, à tolerância do brasileiro, à complacência do intelectual. Talvez ao fato de que tenham convivido comigo durante tanto tempo e de eu ter que enfrentar dificuldades, que são pequenas

em comparação com as dificuldades que outros sofreram. Então querem me compen-



Florestan, 1975

sar, além dos limites, da pequena grandeza que eu possa ter. Devo agradecer à Deputada Ângela Amim, que foi a relatora da 2ª versão da Lei de Diretrizes e Bases, por ter ouvido calada referências que a excluem desse mérito. Eu naturalmente contribuí com outros colegas e mesas, em que nós discutimos duramente as coisas. Nem todos os deputados e nem todas as comissões são compostas por pessoas inertes e incapazes. Então, ela é testemunha das tentativas que fiz para ajudá-la a fazer uma lei que começou tentando ser a melhor possível e acabou sendo aquilo que merecemos.

Eu gostaria de ressaltar uma coisa que sempre preocupa a nós todos e que foi mencionada aqui por quase todos: a má situação do ensino, a diversidade do ensino público que advém não apenas da falta de recursos, mas advém também de uma tentativa de sufocar a democratização da consciência crítica através da cultura, da pesquisa construtiva e criadora.

Ainda recentemente nós vimos um movimento em que todos os Reitores, o Reitor Flávio, o Reitor da Unicampe e o Reitor da Unesp, viram-se envolvidos dentro de uma situação que, eu diria, está vinculada a um empobrecimento da compreensão do que é a pesquisa, do que é o ensino, do que é a alta cultura para um país pobre. Há por trás de tudo isso a idéia de que para países da periferia basta uma cultura periférica importada em pacotes, quando, na verdade, nós temos de construir a ciência, a arte, a tecnologia, todas as formas de saber, de conviver, de construir, de que gozam outros povos. Nós não somos inferiores aos demais povos chamados desenvolvidos, embora Monteiro Lobato, que foi citado aqui, tenha dito num conto amargo e irônico que o inglês teria andado melhor se tivesse posto, não o macaco, mas um brasileiro no fim da evolução. Como piada está muito boa, mas na verdade eu me imagino na situação dos Reitores e conheço bem as agruras dos professores, dos assistentes, dos estudantes, dos funcionários técnicos e administrativos e dos funcionários mais modestos, que trabalham em ocupações menos compensadoras.

Essa incompreensão, essa tendência a querer esganar a cultura criou a tendência a tirar da escola pública todos os recursos de que ela

necessita. O Reitor mencionou aqui um dos artigos com que eu colaborei na Constituição (2), mas eu colaborei com outro mais importante, sobre a autonomia da Universidade (3). A autonomia da Universidade criou programas financeiros grandes: como é que uma Universidade pode ser autônoma se ela não dispuser de recursos financeiros numa escala suficiente e, ao mesmo tempo, crescente? Como manter um nível de remuneração degradante? Há professores que sempre lutaram por um nível de vida melhor, mas que hoje se vêem reduzidos a uma escala de aperto que os ameaça como setor médio ou baixo das classes médias. Como selecionar o talento sem oportunidades educacionais e igualitárias, sem dar ao estudante não só o ensino gratuito, mas também a bolsa de manutenção do estudante pobre – porque há um tipo de estudante que não pode ir à escola pública, apesar de ela ser gratuita, porque a família não pode manter, enfrentar os gastos indiretos da manutenção de um trabalhador dentro da escola. Aos desiguais é preciso dar oportunidades desiguais, oportunidades ao estudante pobre, ao negro, ao indígena que varou as barreiras da segregação étnica, àqueles malditos da terra, os trabalhadores mais sacrificados do Brasil, jogados em diferentes áreas de miséria no campo e nesta selva que nasceu dentro da megalópole, da metrópole, das pequenas e médias cidades, todas inchadas, todas explodindo, porque têm necessidades humanas que precisam ser atendidas com urgência.

Então é preciso refletir sobre essa greve, não para condenar os Reitores, que ocupam uma posição intermediária de delegados da Universidade junto ao Governo e de representantes do Governo junto à Universidade – se o Reitor não fosse capaz de fazer isso, ele também não teria a condição de ser Reitor. E o que aconteceu foi que o único estado que destinou uma verba própria para o ensino superior, que foi o estado de São Paulo, acabou criando obstáculos ao crescimento dessa renda, que deveria ser intocável, deslocando uma parte dos recursos ou eliminando outra parte e esquecendo que tudo aquilo era insuficiente para as necessidades de um estado como o estado de São Paulo.

1 Discursaram o prof.dr. Antonio Candido (pela USP), a Deputada Ângela Amim (Câmara Federal), o Deputado Hélio Bicudo (PT), o Prof. Dr. Aziz N. Ab'Sáber (SBPC), Gisela Gorovitz (PNBE), a profª drª Zilda Iokoi (Adusp), Roberto M. B. Carvalho (ANPg), Paula Lousada (DCE-USP), Cláudio S. Brederode (Sintusp) e Hilário Bispo (Núcleo de Consciência Negra).

2 O reitor Flávio Fava de Moraes havia destacado o artigo 218, § 5º, que permitiu volitivamente a cada estado e ao Distrito Federal a criação das respectivas Fundações de Amparo à Pesquisa, à semelhança da Fapesp.

3 Referiu-se ao artigo 207 da Constituição Federal de 1988.

De modo que eu senti no coração a punhalada que isso representou, sangrei por vocês, meu desejo era estar na greve – com todo o respeito que tenho pelo Reitor, que já demonstrou, de várias maneiras, que não é uma pessoa de espírito retrógrado; ao contrário, ele realizou tanta coisa importante –, mas eu queria estar com vocês para que nós lutássemos, para que haja uma compreensão por parte do Governo – no caso, o Governo Estadual, porque o Governo Federal, apesar de poder contar com um bom Ministro da Educação, está também manietado pelo Ministério da Fazenda. O Ministro decide uma coisa, o Ministério da Fazenda diz outra, a Câmara dos Deputados e o Senado fingem que não entendem nada, que o assunto não é com eles, e tudo fica como antes no quartel da Brinks.

É preciso que nós olhemos para isso e lutemos, porque essa Universidade não é uma herança vazia. Ela faz 60 anos, mas são 60 anos de uma vida fecunda, de grandeza histórica e de esclarecimento do pensamento crítico. É verdade que, em 64, como me contou o Prof. Eurípedes Simões de Paula, duas matronas, da melhor estirpe dos 400 anos, apresentaram-se a ele para me substituir, dizendo: “Sr. Diretor, o Prof. Florestan Fernandes é uma figura nefasta. Nós viemos aqui nos prontificar para dar o ensino de Sociologia gratuitamente para a Universidade de São Paulo”. Isto revela uma coisa fantástica: houve um descongelamento e os dinossauros atravessaram pelas grandes cidades do País!

Mas essa mentalidade foi a que acabou prevalecendo e ainda dura no horizonte intelectual de muitos setores das elites das classes dominantes. Nós não podemos aceitar isso, a ruína da PUC, a ruína da USP, a ruína da Unicamp, a ruína da Unesp, temos que enfrentar com todo denodo, com a pressão dos professores e as suas exigências, com a pressão dos estudantes e as suas exigências, com a pressão dos funcionários e as suas exigências – porque eles estão lutando por todos nós, estão lutando para manter o passado e superá-lo, às vezes sem saber se estão defendendo uma utopia, a utopia de uma Universidade que se propôs um modelo avançado demais para as limitações do Brasil.

Antonio Candido diz, em certa passagem

de seu trabalho, que ele ama a literatura brasileira porque ela é a única literatura que nós possuímos. Eu iria além: eu amo a Universidade de São Paulo e outras Universidades pois elas são capazes de nos levar além daquilo que nós possuímos. De modo que aqui fica a minha solidariedade aos companheiros, a qual eu não pude trazer de viva voz, mas que é imperativa. Ninguém pode desertar da luta no momento em que ela é imperativa.

Que o futuro nos traga dias melhores e a capacidade de construir a Universidade que está nos nossos corações, nas nossas mentes e nas necessidades do povo brasileiro. Inclusive para trazer para cá todos os talentos que podem ser aproveitados; não só os das elites, das classes dominantes, mas também das de baixo, da classe média em proletarização, dos proletários, dos trabalhadores dos campos, dos negros e de todos aqueles que são oprimidos. Porque esse é o padrão que tem prevalecido: a “cultura da ignorância” é suficiente para o povo, não precisa mais que isso para ser feliz. A nossa resposta é que o povo, para ser feliz, precisa não só de alimentos, não só de habitação, não só de assistência médica. Precisa de cultura e precisa de consciência crítica,

*Florestan Fernandes
em entrevista na
Maria Antônia
a um jornalista
do jornal **Tribuna
de Santos**, 1960*

Jarbas Marcondes



para se tornar um povo capaz de universalizar a cidadania e construir, dentro do País, tendências e modelos novos, pelos quais nós, brasileiros, daremos uma contribuição ao crescimento da civilização moderna.

Eu não quero ser chato, mas acho que vocês também não gostariam que eu esquecesse um assunto que não pode ficar de lado. (Aqui há muita coisa que eu tenho que deixar de lado...) A Universidade de hoje não é a Universidade de 34, não é a Universidade da época em que o Antonio Candido participava na crítica literária e outras figuras surgiam no cenário intelectual brasileiro. Não é a Universidade dos ditadores, não é a Universidade dos nossos dias. É a Universidade que se abre para o futuro no momento em que há uma civilização vinculada àquilo que eu chamo de “3ª fase do capitalismo monopolista”, que é um capitalismo mais cruel do que foi o colonialismo direto dos séculos XVI, XVII e XVIII – conforme o país da América Latina que se considere –, e, às vezes, até indo além, como no caso de Cuba, de Porto Rico, pensando só neste universo pisoteado da América Latina.

Essa é a Universidade que vive esse momento de extrema grandeza na história da humanidade, mas que, ao mesmo tempo, é um momento terrível, porque o capital já não retira o excedente econômico apenas do trabalho. É um erro supor que o trabalho não é a fonte do excedente econômico, que há uma interação dialética entre capital e desenvolvimento da empresa, e que, portanto, trabalho e capital são entidades articuladas. Nós estamos numa era em que essa exploração é muito mais forte e muito mais profunda, porque o capital avança através da tecnologia dos computadores, da automação e da robotização para outro patamar da história, no qual está cabendo a esta humanidade do ocidente ou se desvanecer ou se refundir e se recriar.

Eu não gostava muito de Oswald Spengler: era um pensador que nós vimos como quem é obrigado a tomar um litro de óleo de rícino. Mas ele fez muitas reflexões importantes, e, entre elas, essa de que a civilização ocidental enfrentava os riscos de uma era de decadência. Isso é verdade hoje, está patente, porque a periferia das grandes nações centrais, dos

Estados Unidos, da França, da Alemanha, do Japão, da Inglaterra etc., não começa no 3º ou no 4º mundo. Ela começa dentro das próprias nações centrais, através de toda essa tecnologia que deveria ser uma fonte de renovação da humanidade. Mendel Sachs, num livro que eu costumo citar, afirma que há invenções, como essas que eu arrolei aqui – e outras, sobre a produção de energia nuclear, etc. – que só poderiam existir sob o regime socialista, porque em outro regime haveria o risco de que essas invenções caíssem nas mãos de estratos sociais insensíveis ao destino da humanidade, e infelizmente ele tinha razão.

Há um primeiro problema a considerar quando se pensa a respeito dessa tecnologia: ela pôs a Universidade diante de um dilema devastador, porque essa tecnologia afetou a medula do pensamento, não a sua aparência. Não se converte um trabalhador num autômato sem transformar a sua cabeça numa parte da máquina. Aí está o grande problema para a filosofia, principalmente, e que os filósofos preferem ignorar, ou acusando a ciência e a tecnologia científica, ignorando que elas deveriam ser necessariamente assim, ignorando que elas foram usadas perversamente, ou então esquecendo que a função do filósofo, a função do cientista está em pensar a natureza das coisas. E é da natureza das coisas que nós devemos retirar reflexões construtivas, porque a outra saída seria dar um tiro na cabeça – e não é agradável fazer isso, nem com o auxílio do médico.

O raciocínio, que deveria seguir regras criadas pelo homem, acaba sendo dominado pelos meios para atingir os fins. Eles acabam afetando a estrutura da mente e a capacidade explicativa, lógica, científica, tecnológica ou de qualquer outra natureza do conhecimento, das descobertas científicas, etc.

Portanto, a Universidade precisa se preparar para esse desafio. Quando se fala em espírito crítico, não se pensa apenas em combater uma burguesia de espírito estreito, tacanho, que tornou um país rico num país miserável. Quando se fala em consciência crítica, está se pensando em coisas distintas também, e uma delas é essa: qual é a natureza desse pensamento que instrumentaliza a técnica para depois ser escravizado por ela; que não sabe

mais trabalhar sem computadores, e pelo qual, muitas vezes, muitos países deixam de lado a pesquisa básica, construída com base na imaginação científica ou filosófica ou artística, para se conduzir através dessa tecnologia.

Haveria muita coisa a dizer sobre isso. A Universidade de São Paulo tem seus núcleos de estudos avançados, e é preciso, nesses núcleos avançados, não apenas recuperar a idéia de uma comunidade de escolas, de acadêmicos, de professores, a idéia que floresceu na cabeça do historiador que se tornou norte-americano, Frank Tannenbaum, que se especializou no estudo da História do México. As Universidades não são mais humanidades, nós não vemos professores, estudantes e pessoas que estão fora desse circuito debaterem de uma maneira viva o conhecimento ou as utopias. Cada qual quer tomar nota de suas aulas o mais depressa que pode, ou então desempenhar o papel obtido pelo professor que deveria ensinar. Ou seja, querem todos terminar logo o trabalho de grupo de estar esperando uma dada realidade que lhes foi imposta como objeto de discussão.

A Universidade se massificou. Mas isso quer dizer que a massificação nessa civilização exige a Universidade, exige o pensamento crítico, exige novos instrumentos de conhecimento que são proporcionados por essa tecnologia; mas também deve criar instrumentos de invenção que coloquem na mão, ou melhor, na cabeça dos investigadores a capacidade de produção, para que eles não sejam massas de trabalho barato para o grande capital financeiro, para as grandes empresas internacionais. E essa necessidade aparece em outros níveis, como o do comportamento político.

Esta sociedade de massas não é uma sociedade de renegados, é uma sociedade de seres humanos. Quem educará os educadores? O que ficará do educador, nesta Universidade, se ele não souber realizar a sua vocação trabalhando com salas de aulas de 800 pessoas, de 1.000 pessoas, de 2.000 pessoas? Não é necessário difundir manuais superficiais que emasculam o pensamento e, ao mesmo tempo, divorciam a consciência humana do vir a ser da criação de uma sociedade nova e, principalmente, da separação terrivelmente ameaçadora dessa civilização com a barbaria. A

barbaria parecia o produto de pequenas “tribos selvagens”. Os conquistadores encontraram selvagens que comiam carnes humanas. E o que nós fazemos hoje? O que fazem os Estados Unidos querendo uma guerra igualha, criando uma guerra aqui, outra lá? Querendo transformar a ONU, de um instrumento de paz, num meio de guerra, usando máquinas mortíferas que aniquilavam milhares de pessoas em segundos e que, depois, eram enterradas sem que se pudesse separar vivos de mortos. O que vai interessar fazer isso?

Portanto, à Universidade cabe um papel de renovação, que coligue com o conceito capitalista de globalização. Globalização do mercado não é globalização da cultura, não é globalização do espírito crítico. É globalização do lucro, da turbinação das nações poderosas sobre as nações mais frágeis, e, às vezes insensivelmente, nações que estavam subindo para o 1º mundo se viram lançadas em prantos inventados do exterior, manipulados do exterior, que resultavam em terríveis crises, que custam fome, perda de emprego, falta de perspectiva para o futuro, animalização daqueles que não podem, através do trabalho, chegar à consciência do que é a natureza humana.

O homem falha. Essa é a condição, é a premissa de outro tipo de homem, que é o homem político, o homem da razão, o homem que pensa, que cria, que é agente sólido e que hoje só pode ser pensado numa escala de grandeza muito ampla.

(Eu tomei umas notinhas aqui no papel que nem servem de guia, servem de desorientação...)

Sem alongar mais esta exposição, que eu reconheço que está se tornando maçante, nós temos que rever a Universidade, a nossa idéia de Universidade, o grau de prioridade que ela deve ter para o Brasil. Temos de indagar se o Brasil tem alguma perspectiva dentro dessa civilização, se nós não temos a capacidade de construir uma Universidade nova como alicerce da renovação, da civilização, no sentido exato de eliminar a barbaria e de criar uma sociedade verdadeiramente democrática, igualitária, e na qual prevaleça a felicidade humana.

Muito obrigado a todos.